

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Ivone**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:**  
**Um pouco da minha história**

**Taubaté – SP**  
**2018**

**IVONE MARIA BENEDICTO DE MORAIS**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:  
Um pouco da minha história e dos meus afetos**

Memorial apresentado para obtenção do  
Certificado de Graduação em Pedagogia  
no Departamento de Pedagogia da  
Universidade de Taubaté  
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria  
Dias Reis Pacheco

**Taubaté – SP  
2018**

**IVONE MARIA BENEDICTO DE MORAIS**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:  
Um pouco da minha história e dos meus afetos**

Memorial apresentado para obtenção do  
Certificado de Graduação em Pedagogia  
no Departamento de Pedagogia da  
Universidade de Taubaté  
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria  
Dias Reis Pacheco

Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

Examinadores:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU**  
**Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social**

M827m Morais, Ivone Maria Benedicto de  
Memorial de formação: um pouco da minha vida. /  
Ivone Maria Benedicto de Morais. – 2019.  
25f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Pedagogia, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco ,  
Departamento de Pedagogia.

1. Memorial de formação. 2. Pedagogia. 3. Vivência. I.Título.

CDD – 370.71

Dedico este trabalho ao meu esposo Osny de Moraes e aos meus filhos Larissa Aparecida de Moraes e Osny de Moraes Júnior.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo amor com que me conduziu nos caminhos da verdade, da fé e do amor sem medidas e pela sua força divina nos momentos de angústias.

Aos meus pais José Benedicto e Maria Alice Benedicto, eternos e sinceros agradecimentos.

À Professora Doutora Márcia Pacheco, minha orientadora, pelas importantes orientações e apoio na elaboração deste trabalho.

À minha família, pelo apoio a mim dedicado durante esta trajetória acadêmica.

Aos professores formadores do curso de Pedagogia, pela formação e transformação em minha vida pessoal e profissional.

Aos meus amigos do curso de Pedagogia, pela troca de conhecimentos e pela amizade que se sedimentou ao longo dessa trajetória.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita (FREIRE, 1987).

## SUMÁRIO

1.Apresentação.....	4
2 Introdução.....	5
3 Um pouco da minha história .....	6



## **1. APRESENTAÇÃO**

Este trabalho trata-se de uma descrição sobre a minha formação para a docência, e meu permanente processo de aprendizagem. Realizarei algumas reflexões sobre minha infância e a possibilidade de emancipação a partir da formação em Pedagogia.

Descrevo porque escolhi fazer Pedagogia a partir do meu desenvolvimento pessoal e anuncio as possibilidades de atuação profissional.

Espero conseguir por meio deste memorial todo o valor que atribui ao conhecimento construído, toda emoção sentida durante minha trajetória como discente e as grandes conquistas realizadas durante o Curso de Pedagogia.

## **2 – INTRODUÇÃO**

O presente memorial, além da função de ser parte integrante do conteúdo exigido para conclusão do curso de Pedagogia terá também a função de informar a todos quanto o lerem, sobre a minha vida acadêmica e profissional.

Mostrará alguns dos meus passos e proporcionar uma melhor compreensão da nova visão que se adquire na busca de informações de um profissional apto para ser atuante na mudança para um futuro educacional melhor.

### **3 - UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA E MEUS AFETOS**

#### **Minha Infância**

Nasci no dia 8 de junho no ano de 1960, na cidade de Taubaté, região do Vale do Paraíba, estado de São Paulo.

Meu nascimento ocorreu em casa, à Rua Augusta, bairro de São Pedro no Alto do Cristo, de parto normal, feito por uma parteira conhecida de minha mãe. A partir deste momento, ainda bem pequena, a vida começa fazer sentido para mim. Já começo a perceber as coisas que vão acontecendo ao meu redor.

1964 - Nas conversas com minha mãe, as perguntas vão surgindo: a palavra “porquê” entra em ação e, aos poucos, tudo vai se esclarecendo. Eu sempre fui muito curiosa e ficava observando meus pais.

Meus pais se casaram no ano de 1955, ela com 18 anos ele com 21. Quando eu nasci, meus pais ainda eram bem jovens: ela tinha 25 anos ele 27, mas já tinham três filhos - duas meninas e um menino – ele, eu não conheci, pois já havia falecido (contraiu paralisia infantil aos dezoito meses e foi a óbito).

Moramos em muitas casas, pois não tínhamos casa própria e vivíamos de aluguel. Estávamos sempre mudando de uma casa para outra. Minha mãe não gostava nada desta vida. Lembro-me de uma casa em que moramos que não era muito grande, tinha quatro cômodos: sala, cozinha, dois quartos, tudo muito simples, o banheiro era no fundo do quintal e quando chovia era difícil chegar até ele. Esta casa não tinha piso, só contra-piso, não tinha luz, nem na casa nem na rua e usávamos lamparina e lampião, o nariz ficava preto de tanto respirar a fumaça, que saía da lamparina. Era preciso colocar querosene para mantê-la acesa ou então usávamos “marquinha”, um tipo de rolha com pavio que era colocado em um recipiente que continha água e óleo. Ficava acesa durante a noite em um lugar seguro, para não causar incêndio.

O quintal também não tinha piso, era chão puro, quando chovia, era muita lama. Era bem grande, tinha árvores frutíferas (abacateiro, mangueira, mamoeiro, cana e limoeiro), além da horta que minha mãe fazia. Ela gostava de cheiro verde e verduras e eu minhas irmãs a ajudávamos, tirando os matos que cresciam muito, jogando água com um regador. Também varríamos o quintal todos os dias, recolhíamos ovos, limpávamos o galinheiro e tínhamos que cuidar da

criação de coelho e pato. A criação de galinhas fornecia ovos e frango caipira, que também eram trocados com vizinhos, uma atitude que eu achava muito interessante.

Mas o que eu lembro mesmo é das brincadeiras que eu e as minhas irmãs fazíamos no quintal da minha casa. Brincávamos com as filhas das vizinhas pelo buraco da cerca, muitas vezes brigávamos também, jogando água uma na outra até uma das mães aparecer e acabar com a “briga”. Ainda bem que as mães eram bem conscientes e não brigavam por nossa causa. Minha mãe não nos deixava brincar na rua sem a presença dela. Durante o dia, ela tinha os afazeres domésticos, como lavar, passar, cozinhar e costurar. Era ela quem costurava nossa roupa. Ela também fazia crochê e bordados. Depois que terminava os trabalhos, ela saía com a gente na rua para brincar: sentava do lado de fora, isto é, na calçada, que era de chão batido e uma delícia para brincar. Enquanto eu, minhas irmãs e as crianças das outras três vizinhas brincávamos, nossas mães ficavam conversando. Nós corríamos de lá para cá o tempo todo, muitas vezes caíamos e nos machucávamos, chorávamos e corríamos para nossas mães, que sempre tinham um remédio caseiro, feito com álcool, que passava com um algodão no machucado. Doía, mas curava e a brincadeira continuava. Brincávamos bastante, depois ela batia palmas e entendíamos que era a hora de entrar, tomar banho, jantar e dormir e não podíamos reclamar: aquele que reclamava ficava de castigo e não brincava no outro dia, isso não podia acontecer porque, cada dia, tinha uma brincadeira diferente.

Lembro-me de um natal em que esta minha tia comprou três bonecas e as deu de presente a mim e minhas irmãs. Eram bonecas grandes, lindas, feitas de papelão e com vestidos de papel crepom. Cada boneca tinha uma cor diferente de vestido. O da boneca de minha irmã Edna, era vermelho, o da Ângela era azul e o da minha era verde. Nós ficamos muito felizes com o presente e brincamos muito ele. Tínhamos o maior cuidado, mas apesar disso, um belo dia, depois de brincar, esqueci-me de guardar a minha boneca, deixando-a no quintal e, durante a noite, choveu forte e, ao acordar, corri para ver minha boneca e, ao pegá-la, levei um susto. Eu não acreditava no que estava vendo: ela não só estava molhada, mas totalmente derretida. Eu não me conformava, chorei muito, mas não tinha o que fazer e, infelizmente, fiquei sem ela.

Assim que minha mãe se casou, ela parou de trabalhar fora, mas, sem dinheiro, começou a ter dificuldades, então, quando era época de colheita de café, ela ia trabalhar na roça e nos levava junto com ela. Ela levava minha segunda irmã

com ela para a lavoura e me deixava junto com a mais velha, embaixo das árvores, junto com as outras senhoras. A minha irmã mais velha queria mesmo era brincar com crianças que ali estavam, então ela me batia, eu chorava, e minha mãe, sem saber de nada, deixava o serviço para vir cuidar de mim. Coitada da minha mãe, já estava desistindo do trabalho por isso, mas uma das amigas dela acabou contando porque eu chorava e ela passou a trabalhar de olho mais aberto e conseguiu trabalhar até o fim da colheita, que só acontecia uma vez no ano.

Meus pais, apesar de brincarem com a gente, eram muitos bravos: minha mãe muito mais. Ela brincava, ensinava, mas batia também, lembro que nós apanhávamos bastante. O meu pai também batia, só que menos, em mim menos ainda, mas eu nunca gostei desta situação, ficava muito triste quando via meus irmãos apanhando, mas não podia interferir, só me restava chorar junto.

Eu sentia que tínhamos eu e ele um carinho especial um pelo outro. Ele gostava muito de colocar apelido nos filhos, ele me chamava de Pintinho do Mês de Maio. Eu era muito chorona, chorava por tudo. Muitas vezes ele chegava do serviço, lá estava eu chorando, então ele queria saber o que tinha acontecido, mas minha mãe não gostava de contar o que acontecia durante a ausência dele, nem as artes que fazíamos. Sorte nossa, se não era capaz de apanharmos duas vezes. Eles agiam de uma forma que eu achava interessante: quando um deles chamava a atenção de um filho, o outro não intervia, embora não estivesse de acordo.

1967. Eu estava com 7 anos de idade e tinha chegado a hora de ir para escola. Eu não fui para o jardim da infância, assim como minha primeira irmã, pois minha mãe não quis, só a minha segunda irmã foi. Minha mãe não quis me matricular no jardim por que ela achou que a minha irmã, que frequentou o jardim da infância, ficou muito preguiçosa, não gostava de fazer nada, só queria saber de brincar, então ela achava que não ia ser bom para mim.

Fui matriculada no grupo escolar doutor Quirino no bairro da Estiva em Taubaté. Não era no mesmo bairro que eu morava, levava meia hora pra ir e meia hora para voltar. Tinha que ir a pé: meu pai não tinha condução para nos levar e, mesmo que ele tivesse, não tinha como nos levar, pois ele trabalhava o dia todo. Minhas duas outras irmãs já estudavam nesta escola, então, para facilitar, minha mãe me matriculou no mesmo horário delas para irmos juntas. Meu pai não era a favor da gente estudar, ele era analfabeto, não tinha frequentado escola, mas minha mãe, sim. Ela estudou até o 3º ano escolar. Meu pai falava que mulher não

precisava estudar porque ia se casar e ser dona de casa, mas minha mãe não concordava com ele.

Então, o grande dia chegou: era hora de ir para a escola e me arrumei e, junto com minhas irmãs, despedi-me da minha mãe e da minha outra irmã de 4 ou 3 anos e fomos rumo à escola. Chegando lá, fiquei apreensiva: a escola era muito grande. Não tive vontade de nenhuma de entrar, mas minha irmã me levou assim mesmo. Quando chegou à sala de aula, ela me apresentou para a professora, que se chamava Maria Helena: ela olhou para mim e falou para eu sentar de um jeito muito seco, nada amigável. Já não me senti bem, pois, na minha inocência de criança, eu pensava que eu ia ficar na mesma sala que as minhas irmãs, tão grande foi o meu espanto quando vi que não, elas me disseram pra eu ficar ali, que elas iam para as salas delas e que, assim que acabasse a aula, elas viriam me buscar para irmos embora. Comecei a chorar, mas mesmo assim me deixaram. Só sei que fiquei lá chorando: eu achava que elas iam me deixar lá para sempre, que nunca mais eu ia vê-las, nem elas, nem ninguém da minha família. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu chorava. Eu só pensava na hora de ir embora e a hora não chegava. A professora nem ligou para mim, colocou matéria na lousa e falou para todos copiarem. Eu, como não sabia, nem me atrevi pegar no lápis e ela também não teve o “trabalho” de vir até minha carteira para saber da minha dificuldade e ajudar. Terminado a aula, para minha alegria, conforme o combinado, minhas irmãs vieram me buscar e a professora disse para elas falarem para a minha mãe que eu não quis fazer nada e só fiquei chorando. Fiquei com o coração “na mão”, pois sabia que ia apanhar.

Dito e feito, chegando em casa, com aquela cara de choro, com os olhos inchados de tanto chorar, minha mãe perguntou o que tinha acontecido, minha irmã contou, ela ficou brava, me bateu, me colocou de castigo e disse que, no outro dia, eu iria para a escola de novo, chorando ou não. E no outro dia eu fui e tudo se repetiu, e assim continuou. Eu apanhava todos os dias, até que um dia minha mãe foi até a escola conversar com a professora para saber o que estava acontecendo, porque o meu caderno não tinha nem uma linha escrita, ela falou que eu tinha preguiça, não queria aprender. Minha mãe ficou uma “fera”. Chegando em casa, ela falou que ia me tirar da escola, mas que eu iria apanhar porque a professora falou que eu não queria aprender, tinha preguiça de fazer as atividades que ela passava

na lousa. Levei uma surra e engoli o choro, senão apanharia mais. Foi muito ruim não me acostumar na escola, saiu caro para mim.

À noite quando meu pai chegou do trabalho, ele me viu com olho inchado de tanto chorar, quis saber e minha mãe contou para ele, mas, para ele, não havia problema, ele não era a favor dos filhos estudarem. Ele me chamou e disse que eu não precisava chorar porque eu não ia precisar estudar, que eu ia precisar trabalhar para suprir as minhas necessidades, que eu ia casar e ser dona de casa. Fiquei contente ouvindo isso do meu pai: pelo menos não me bateu.

Na minha casa, não fomos acostumadas a ler, apesar das minhas irmãs já frequentarem a escola, não havia livros. Meus pais gostavam de contar histórias da vida deles para nós e histórias de assombração. Eu e minhas irmãs tínhamos medo, mas não saíamos de perto, não perdíamos nenhum lance. No dia em que eles contavam histórias, ficávamos acordadas até tarde e depois eu gostava de contá-las para as outras pessoas. Depois de ouvi-las, ficávamos com medo de ir banheiro, que ficava no fundo do quintal, e eu e minhas irmãs combinávamos de irmos todas juntas. Mas valia a pena, era muito legal, principalmente por serem meus pais que as histórias. Chorávamos de rir.

Meu pai, além de gostar de contar histórias, gostava muito de nos ensinar a cantar e rezar. Ele era bastante brincalhão. Apesar dele não saber ler nem escrever, sabia fazer contas e nos ensinava do jeito que ele sabia. Ele gostava muito de pescar e caçar: todos os finais de semana lá ia ele com as varas que preparara na véspera e as iscas. Trazia muito peixe. Chegava feliz da vida, mas “sobrava” para nós também ajudar: ele fazia questão que a gente participasse dos preparos, podíamos estar brincando, mas tínhamos que parar para atender o seu chamado. Muitas vezes eu não queria parar a brincadeira, mas nem me atrevia a falar nem a dizer que não sabia limpar peixe, pois ele estava justamente a nos ensinar a fazer isso. Cada uma de nós ficava encarregada de uma parte da limpeza e minha mãe, com a parte final, preparando os peixes no fogão de lenha. Era tudo muito gostoso: aqueles lambaris fritos, que se comia sem medo, pois não tinham espinhos.

Ainda em 1967 minha mãe me colocou na catequese, junto com minhas irmãs, na igreja de São Sebastião. Eu gostei muito, tinha muitas crianças, algumas eu conhecia, outras não. Assim que eu cheguei, conheci aquela que ia ser a minha catequista e a adorei. Não tive problema nenhum neste dia, ficamos todas juntas. Foi muito bom. Apesar de minha família já estar acostumada a participar desta igreja,

este dia foi muito especial para mim. Eu e minha mãe e meus irmãos íamos à missa todos os domingos, meu pai não. Ele só ia no dia da festa.

Frequentei a catequese o ano todo com muita alegria e ansiedade para chegar o dia que eu fazer a minha primeira eucaristia. Foi um tempo que eu e minhas irmãs curtimos muitos lá. Havia muitas gincanas para incentivar para que ninguém desistisse de frequentar a catequese. Era muito bom: participávamos de tudo que tinha e da procissão, vestindo-nos de anjo. A coisa que eu e minhas colegas mais queríamos e não conseguimos era coroar Nossa Senhora: era muita criança e não tinha como ir uma só criança de cada vez e também tinha as preferidas.

Passou o ano e chegou o grande dia: o dia da minha primeira eucaristia, o dia 8 de dezembro. Tivemos vários ensaios para dar tudo certo quando fôssemos “receber” Jesus: experimentamos a túnica, levamos para casa para que fosse lavada e engomada, porque, naquele tempo, as roupas eram todas engomadas. Então minha mãe a arrumou com todo carinho e guardou, mas eu fiquei tão ansiosa que todos os dias eu ia até onde ela estava guardada para ver. Eu não acreditava que o dia tão esperado por mim estava tão próximo e o dia que a catequista marcou para confessarmos me deixou “gelada”. No dia da confissão me deu um “gelo” na barriga: deu até vontade de desistir, mas segui em frente e deu tudo certo. Passada uma semana, nem consegui dormir direito de tanta ansiedade e alegria, tudo misturado, me arrumei, minha mãe fez muitos cachos no meu cabelos, coloquei um sapato todo branco, só faltou um brinco (eu ainda não tinha furado a orelha), mas fiquei muito linda, a única pessoa que, quando olhou para mim, ficou rindo, foi a minha vizinha briguenta. Fui com minha mãe para a igreja; tinha muitas crianças naquele dia, todas felizes. Lembro que a hora da comunhão foi muito emocionante para mim e não me contive, desabando em lágrimas. Foi um momento único, um presente do céu, só sei que chorei muito de tanta alegria por ter realizado um sonho maravilhoso que eu esperava desde o primeiro dia que fui à catequese.

O Natal era bom, só alegria. Meu pai fazia presépio todo ano, assim que ele o concluía, soltava fogos. Durante os nove dias que antecediam o natal, tinha novena nas casas, as folias de reis vinham cantar diante dos presépios, havia novenas. Meus pais nos deixavam participar, mas acompanhadas de uma pessoa mais velha. Não perdíamos uma só noite e, no dia de natal, meus pais raramente nos presenteavam, pois isso era muito caro, mas ainda assim sempre esperávamos



ganhar uma boneca grande, bonita, com cabelo e os meninos uma bola, carrinho, etc.

Então, ano novo, vida nova. Novamente fui matriculada na escola, desta vez a escola era no mesmo bairro que eu morava, bem mais perto e eu ia sozinha, sem as minhas irmãs. Era uma escola mista, se chamava Escola Mista do Bairro do Barranco. Lembro-me que minha mãe me falou que eu ia para a escola e, desta vez, eu ia ter de ficar, pois já estava um ano atrasada. Chegou o dia de ir, eu não estava nem um pouco animada. A cena anterior da primeira experiência voltava tão forte, que eu fiquei apavorada, comecei chorar para não ir, mas, desta vez, minha mãe falou para eu parar de chorar, pois ela ia me levar, chorei mais ainda. Ela não teve dó, me bateu, me mandou engolir o choro, se não apanharia mais ainda.

Eu já conhecia a escola por fora, - eu sempre passava em frente, ela era perto da minha casa e ao chegar, avistei uma moça, que se aproximou de mim e minha mãe, tentei escapar da minha mãe, mas não consegui. Ela cumprimentou minha mãe com um aperto de mão, disse que era a professora e olhou para mim e disse “oi, querida, bom dia, qual seu nome? Você veio para escola? Eu vou ser sua professora”, me deu um abraço, segurou na minha mão, falou para eu ficar calma, sem medo, que eu ia aprender muita coisa legal. Que minha mãe ia embora, mas depois vinha me buscar, então eu fiquei chorando e minha mãe foi embora. E assim a professora fez com todos os alunos, depois pediu que sentassem no chão e fez uma roda de conversa, perguntando se alguém tinha frequentado escola antes, quem tinha ido ao jardim, quem estava indo pela primeira vez, se a gente sabia o que a gente estava fazendo ali e disse que quem estava chorando, não precisava chorar mais porque ela ia ser nossa amiga e se queríamos também queria ser amiga dela. Nós falamos que sim, ela disse que não precisávamos nos preocupar, que assim que acabasse a aula, nossa mãe viria nos buscar, aí eu já fiquei mais tranquila e até consegui sorrir.

Terminada a conversa, levantamos, sentamos na carteira, ela falou que nos não ia escrever nada naquele dia, que a gente só ia brincar e assim foi: ela nos levou para fora, conversamos mais um pouco, ela passou algumas regras, que tínhamos de cumprir, depois fez uma aula bem lúdica, ficamos praticamente brincando, eu adorei. Ela nos apresentou a merendeira, que morava do lado da escola e que nos serviu a merenda e, desta vez, consegui comer um pouco. A hora passou, vi minha mãe pela janela, ela chegou antes da aula acabar. Fiquei feliz, me

deu um grande alívio, então a professora me chamou, me pegou pela mão e me levou até minha mãe dizendo eu tinha ficado bem, que deu tudo certo, e que ela ia fazer tudo o que precisasse para me ajudar, me deu um beijo e me falou “Espero você amanhã”. Assim, eu voltei para casa bem contente e vi, no rosto da minha mãe, uma sensação de alívio. Quando cheguei em casa, minha mãe perguntou como foi, o que eu fiz lá, como era a professora. Falei que era boa, que gostei dela, então ela me perguntou “Amanhã você vai de novo? Falei, sim, irei, ela sorriu.

E assim foi: no outro dia, minha mãe me levou, fiquei tranquila, a professora sempre recebia os alunos do lado de fora. Fui alfabetizada na cartilha Caminho Suave. Tive muita sorte com esta professora, gostei muito dela e vice-versa, afinal ela dava um tratamento igual para todos os seus alunos. Eu gostava quando ela se sentava ao meu lado, segurava minha mão para ensinar fazer os traçados das letras. Aprendi sem muita dificuldade, o carinho e afeto que ela tinha por todos foi um fator de suma importância para o meu aprendizado e tirou todo o medo que tive da primeira vez que fui para a escola.

Depois de uma semana, minha mãe permitiu que eu fosse sozinha, pois, da minha casa, dava para ver a escola. A aula da professora, além das atividades pedagógicas, tinha muitas atividades lúdicas, ela fazia muitas gincanas, preservava a cultura. Ela tinha um noivo que a ajudava muito com os alunos. Esse período que estudei lá foi muito bom, fez muito bem para mim. Antes de ir para a aula, minha mãe arrumava meu cabelo, penteando-o cada dia de um jeito diferente, primeiro eu chorava porque doía para pentear, mas depois ficava contente. Eu ia para a aula correndo pelo meio do campo, para não chegar atrasada, chegava lá dava tchau para minha mãe e entrava.

Terminado o ano, passei para o segundo ano e a professora fez uma festa de despedida. Com muita dor no coração, tivemos que nós despedir, chorei muito.

Outra novidade: meu pai comprou um terreno em outro bairro, não muito longe de onde a gente morava e nos levou para conhecer. Vibramos de alegria, afinal íamos ter uma casa nova, tudo novo. Minha mãe ficou muito feliz, finalmente ia sair do aluguel depois de morar em tantas casas. Achei estranho o lugar: era um loteamento, não tinha nada, era cheio de mato, também não tinha luz, era um grande campo aberto. Ele mostrou o local que ia construir a nossa casa. Depois da nossa visita ao local, meu pai decidiu que ele mesmo ia construir a casa, já que possuía habilidades e competência para este fim. Começou a construção e, não

demorou muito, meus pais decidiram se mudar, mesmo sem ter terminado a casa por dois motivos: economia e tempo - o dinheiro do aluguel seria aplicado na compra do material e, morando lá ele, aceleraria a construção, aplicando todo o tempo que tinha livre na obra.

Chegou o dia de mudarmos de casa. Foi muito divertido, mais triste também pela despedida dos vizinhos, das pessoas que íamos deixar para trás. Tínhamos construído muitas amizades, pessoas muito queridas iam ficar para trás, não ia vê-las mais com tanta frequência. Nossa casa era simples, mas aconchegante. Não era grande, estava semiacabada, meu pai precisou contar com a minha ajuda, de minhas irmãs e do meu primo que morava conosco. Ele precisou fazer um poço. Naquele tempo, ainda não havia água encanada. Precisou fazer uma fossa também, pois não havia rede de esgoto. Ele ia cavando o poço e nós íamos carregando a terra que ele ia tirando.

A construção da casa também teve a nossa participação: carregávamos tijolos, massa, telha e madeira. Ele nos ensinava e nós fazíamos e tudo dava certo, muitas vezes deixando de lado a vontade de brincar. Nossa prioridade era ajudá-lo, mas, ainda assim, demorou um bom tempo para terminar a construção, que acabou ficando pequena, já que éramos dez pessoas. Dormíamos uns na cama, outros na esteira, no chão; as meninas em um cômodo, os meninos, no outro. Não tínhamos conforto algum: tínhamos que tirar água do poço para beber; minha mãe tinha que ficar atenta para não acontecer algum acidente com as crianças. Nesta casa, não tínhamos nada de extraordinário, mas uma casa nova e nossa. O que tínhamos mesmo de mais importante, era muito amor um pelo outro.

Lá não tinha nenhum tipo de planta, e meu pai plantou um pé de amora, pés de cana limão. Minha mãe fez uma horta. Continuamos a criação e galinhas que tínhamos na outra casa e meu pai construiu um galinheiro para coloca-las. Fez também um fogão de lenha. Depois de tudo pronto, meus pais ficaram mais sossegados e começaram a curtir a casa nova.

Seguimos brincando, empinando pipas com os irmãos, jogando bola, pulando corda, brincando de boneca. Minha mãe nos ensinava a costurar, a fazer roupas para as poucas bonecas que tínhamos, que eles compravam quando íamos em Aparecida do Norte visitar Nossa Senhora. Meu primo e meus irmãos gostavam mesmo é de fazer pipas e nós os ajudávamos. Era muito legal, eles faziam cerol para não perder a pipa.

## **Era uma vez (era uma vez) Keylla Cristina Dos Santos Batista**

Era uma vez  
O dia em que todo dia era bom  
Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão  
Dava pra ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão  
E acabava tudo em lanche  
Um banho quente e talvez um arranhão  
Era uma vez, era uma vez, era uma vez, era uma vez  
O dia em que todo dia era bom  
Era uma vez  
É que a gente quer crescer  
E quando cresce quer voltar do início  
Porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido  
É que a gente quer crescer  
E quando cresce quer voltar do início  
Porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido  
Dá pra viver  
Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou normal  
É só não permitir que a maldade do mundo te pareça normal  
Pra não perder a magia de acreditar na felicidade real  
E entender que ela mora no caminho e não no final  
Dava pra ver, a ingenuidade, a inocência cantando no tom  
Milhões de mundos, e universos tão reais quanto a nossa imaginação  
Bastava um colo, um carinho  
E o remédio era beijo e proteção  
Tudo voltava a ser novo no outro dia  
Sem muita preocupação  
Era uma vez, era uma vez, era uma vez, era uma vez  
O dia em que todo dia era bom  
Era uma vez  
É que a gente quer crescer  
E quando cresce quer voltar do início  
Porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido  
É que a gente quer crescer  
E quando cresce quer voltar do início  
Porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido

A partir dessa música começo a significar mais a minha trajetória e principalmente a relacionada à minha infância “Era uma vez. O dia em que todo dia era bom. Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão. Dava pra ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão. E acabava tudo em lanche. Um banho quente e talvez um arranhão. Era uma vez...”

Quantas vezes nas aulas de Psicologia, Didática e Desenvolvimento Infantil que as professoras abordavam o desenvolvimento e aprendizagem e a Teoria da

Afetividade de Wallon, vinha a memória minhas lembranças de quando era criança e relembra minha história, alguns episódios tristes, outros muito alegres e divertidos.

A brincadeira tem papel preponderante na perspectiva de uma aprendizagem exploratória, ao favorecer a conduta divergente, a busca de alternativas não usuais, integrando pensamento intuitivo. Brincadeiras com o auxílio do adulto, em situações estruturadas, mas que persistam a ação motivada e iniciada pelo aprendiz de qualquer idade, parecem estratégias adequadas para os que acreditam no potencial do ser humano para descobrir, relacionar e buscar soluções (DANTAS, 2005, p. 151).

E assim, percebo a importância das brincadeiras e da afetividade para o desenvolvimento humano. E conseguia atribuir significado as construções teóricas sobre a infância.

Com a Teoria de Jean Piaget<sup>1</sup> aprendi que:

Piaget elaborou sua teoria baseado na explicação de como se desenvolvem os processos cognitivos nos seres humanos.

O processo de aquisição de conhecimento (cognição) envolve vários fatores como o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória, o raciocínio, que fazem parte do desenvolvimento.

A teoria Psicogenética aborda o desenvolvimento cognitivo através de um sistema de transformações contínuas, é a construção do conhecimento. Os conceitos básicos da teoria são: adaptação, esquemas, equilíbrio, assimilação, acomodação. Adaptação consiste no ajustamento do homem ao meio ambiente. Equilíbrio – equilibração majorante – a um equilíbrio nas perturbações e são compensadas pelas ações do sujeito. Assimilação é quando você já tem um aprendizado e transmite a outra experiência parecida. Acomodação é quando o indivíduo não consegue modificar, transformar, transformar ao ambiente a nova situação. A modificação pode ser: criação de um novo esquema; modificação de um esquema já existente.

Para Piaget os fatores que influenciaram no desenvolvimento são a hereditariedade (que é genético), crescimento orgânico (diz respeito ao aspecto físico), maturação neurofisiológica, maturidade do sistema nervoso, meio-interação social, aquisição de valores, costumes e padrões culturais e sociais – educação. Para Piaget todo sujeito é autor do seu próprio conhecimento.

---

<sup>1</sup> Notas de aula - Disciplina de Psicologia Profa. Doutora Márcia Pacheco

Na concepção Piagetiana a construção do conhecimento é resultado da interação da criança com o meio, onde é sujeito ativo resolve seus próprios problemas. O ensino deve centralizar no desenvolvimento de capacidades formais, operativas, que estimulam a criança a uma aprendizagem permanente.

Com a Teoria da Afetividade de Henri Wallon é possível compreender que a afetividade é parte integrante da subjetividade. O afeto determina o comportamento humano e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica e consequente desenvolvimento social. A emoção e cognição complementam-se para possibilitar a apreensão da realidade externa

Galvão (1995); afirma que no contexto do desenvolvimento infantil podem-se identificar a existência de etapas diferentes, porém integradas gradualmente, que se caracteriza pela apresentação de necessidades e interesses específicos que, seguindo uma ordem, se congruem para fundamentar cada etapa seguinte.

Segundo Wallon (apud MAHONEY; ALMEIDA, 2006, p.59); estas revoluções de idade para idade não são improvisadas por cada indivíduo. São a própria razão da infância, que tende para a edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas, no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo.

Mahoney e Almeida (2006); afirmam que, segundo a proposta de Walloniana, tais etapas ou estágios podem ser assim definidos: Impulsivo-emocional, que compreende o período de 0 a 1 ano; Sensório-motor e Projetivo que se observa nas crianças de 1 a 3 anos; Personalismo que se identifica em crianças de 3 a 6 anos; categorial, observado em crianças de 6 a 11 anos; Puberdade e Adolescência que se estende dos 11 anos em diante.

Assim existem estágios em que a afetividade está direcionada para a busca do entendimento de si mesmo, de forma que “o conjunto afetivo está mais evidenciado nos estágios impulsivo-emocional, personalismo, puberdade e adolescência” (MAHONEY; ALMEIDA, 2006, p. 60).

Galvão (2005, p.39); destaca que conforme “[...] as disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento”.

Ainda segundo a autora, há momentos e períodos em que a criança volta sua atenção para a exploração do mundo através de suas ações, ora para a formação de vínculos e ainda à reflexão mental dessas experiências num nível abstrato e cognitivo.

Dessa forma, A afetividade e a razão constituem conceitos que se complementam: a afetividade é o suporte que dá sentido à ação, enquanto a razão é o que possibilita ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e se empenhar em obter êxito nessas ações.

### **O Curso de Pedagogia**

Quando de meu ingresso na faculdade no curso de pedagogia, ao entrar, pela primeira vez na sala, fiquei muito feliz. Observei que tinha muitas alunas, mas nenhum aluno. Todas elas eram jovens e bem animadas. Era o segundo semestre e não conhecia ninguém lá. Entrei, cumprimentei, sentei, e esperei a chegada do professor. Como é de costume, no início do semestre, há a apresentação dos alunos e fiquei com vergonha, sou tímida, mas, afinal, faz parte da vida escolar. Fui bem recebida. Percebi que as alunas eram “de boa” e senti um ambiente bem acolhedor. Fiquei tranquila, era bem o que eu esperava. O tempo foi passando, os professores chegando e as disciplinas também. Confesso que tive dificuldades com tantas matérias, tantas novidades, muita informação e, meio assustada, pensei que não ia dar conta, mas segui em frente. Não tinha feito amizade ainda, só tinha aquelas conversas rápidas do dia a dia, que não atribuíam nenhum significado para mim. Eu gostava de sentar na primeira carteira, no canto da sala. Logo começaram a surgir os trabalhos em grupo, uma situação nada fácil. A composição dos grupos causava agitação e havia os grupos já formados, o que dificultava minha inclusão em algum deles. Dependendo do grupo que entrava, não podia opinar e houve trabalhos que preferi nem apresentar, por falta de comunicação do grupo, não me sentia segura. Mas, como, sempre diante de uma situação ruim, Deus nos dá alguma coisa boa, por esses problemas de trabalho em grupo, conheci minha amiga Gabriela Stefany e o curso passou a ficar mais interessante, pois já não ficava mais sozinha, tinha companhia para conversar e trocar experiências e tudo foi ficando bem mais fácil. Estudávamos sempre juntas e dividíamos os momentos tristes e alegres. Logo depois, chegaram a Daniela e a Taynara e conseguimos montar um grupo. Os conflitos ainda existiam entre nós, mas acabávamos nos entendendo e tudo acabava bem.

Chegou o momento do estágio. Fui para o Pibid que é bolsa de iniciação à docência. Minha primeira experiência foi na creche do Belém. Chegando lá, fiquei

muito feliz, pois fui muito bem recebida por todos. Junto com mais duas bolsistas, desenvolvi o projeto “Contação de Histórias” para as crianças. Nosso objetivo foi estimular as crianças, despertando o gosto pela leitura. Foi uma experiência maravilhosa o contato com as crianças e os professores aprovaram nosso trabalho e nos apoiaram. Pude colocar em prática a teoria que aprendi no curso. Depois fui para o SESI fazer o estágio obrigatório. Fui bem recepcionada e fiquei na sala do segundo ano. Gostei muito da professora e dos alunos, que, nos primeiros dias, ficaram só me observando, depois se aproximaram e começaram a fazer perguntas. Ajudei-os muito, fazendo tudo que estava ao meu alcance.

Fiz uma prova no CIEE e passei, passando a atuar como estagiária na escola Santa Luzia. Nesta escola também tive sorte, pois era um ambiente muito bom e fiquei na sala do primeiro ano, tendo a oportunidade de trabalhar com duas professoras. Aprendi muito com elas. Aprendi a relação professor e aluno e vice versa. Entendi que a profissão não é fácil e é preciso ter postura e gostar do que faz. Nessa escola também conheci um pouco a parte burocrática, pois trabalhei na secretaria. Também participei de eventos realizados pela escola, como um passeio cultural com as crianças que aconteceu durante a minha estada lá.

O curso de Pedagogia foi muito bom para minha vida. Cada matéria, uma nova descoberta, as atividades de docência me deixava cada vez mais encantada.



#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao concluir o curso de Pedagogia, posso afirmar que aprendi que o educador deve ser um constante pesquisador, buscando sempre soluções para os problemas postos pela prática docente. Faz-se necessário que o educador se auto avalie para buscar embasamentos teóricos essenciais à construção de sua práxis pedagógica.

A convicção que esta práxis deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber, levando em consideração alguns aspectos como: o conhecimento prévio, as informações e opiniões através da oralidade e da escrita e um relacionamento afetivo e solidário, sempre se dispondo a ajudar, aliviando e/ ou amenizando as angústias dos alunos e buscando juntos a solução das dificuldades encontradas no decorrer do processo educativo.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus sonhos e desenvolvimento. Tenho a certeza de que as lutas, o cansaço e a ansiedade vivenciados em minha trajetória acadêmica não foram em vão. Hoje, me considero uma mulher vitoriosa. Mas, é importante ressaltar que, embora tenha alcançado essa conquista, tenho consciência de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha atuação como educadora, visto que a fonte de conhecimento é inesgotável e, “aprendemos sempre, o tempo todo”.

## REFERÊNCIAS

DANTAS, Heloysa. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: D TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 2005.

MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. Viver mente e cérebro. São Paulo: Segmento-Duetto, v.6, n.6, 2006.

PIAGET, J. Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.